

EDIÇÃO: JUVENTUDES E ENSINO MÉDIO

EDITORIAL

O terceiro número do ano de 2019, da Revista de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada (câmpus Frederico Westphalen) apresenta significativo Dossiê sobre “Juventudes e Ensino Médio” e traz como capa a imagem de *O grito*, famosa obra de Edward Munch (Noruega), pintada em 1893.

Situada no contexto existencialista esta obra repercutiu, a seu tempo, e repercute, ainda hoje, pela expressão de horror e de espanto que emana. O próprio autor escreveu em seu diário, em 1892:

Eu estava andando por um caminho com dois amigos - o pôr do sol - de repente o céu estava tingido de vermelho sangue, eu parei e me apoiei em uma cerca morta de fadiga - sangue e línguas de fogo espreitavam no azul escuro do fiorde e no céu da cidade - meus amigos continuaram e eu fiquei parado, tremendo de ansiedade, senti um grito infinito que atravessou a natureza.

A arte exprime, de modo a atravessar os tempos, as angústias da alma humana, atormentada por temas de foro íntimo e por questões da coletividade, afinal é preciso viver e viver com dignidade.

Os artigos que compõe este Dossiê contextualizam-se no tempo presente da educação e da sociedade brasileiras. Tempo caracterizado pelo aprofundamento dos enfrentamentos de diferentes visões acerca de projetos de sociedade e desenvolvimento. Especificamente em relação a educação, há um claro divisor de

águas entre aqueles que entendem a educação como direito das pessoas e dever do poder público e os que compreendem a educação como um bem de consumo, e assim sendo, relacionado com o poder de compra de cada um.

Contrapõe-se, uma vez mais, a visão da educação como processo de humanização, plural, diverso, abrangente em contraposição, a visão da preparação para lugares sociais que já estão demarcados, pelo berço e pelo sobrenome.

Nesta curvatura tão drástica, se expressa o sentido *do grito* de Munch, como horizonte que ajuda a contextualizar a produção acadêmica, aqui apresentada, que tem como foco a juventude e o ensino médio, desde a emenda constitucional 95/2015 que tornou obrigatória a educação dos 4 aos 17 anos, elevando o Brasil neste quesito, em termos de dispositivo legal, aos países do chamado primeiro mundo.

O grito, também, é de espanto com o retrocesso caracterizado pelos discursos e políticas, que desprezam a população pobre, maioria no país, e desconstituem os avanços (ainda tímidos) alcançados nos últimos anos, considerando-se o período histórico vivido desde a Constituição Federal de 1988.

Anísio Teixeira dizia que não somos uma sociedade democrática, mas uma sociedade de intervalos democráticos, justo pelo fato de que nunca conseguimos consolidar e universalizar a maior das obras da modernidade que é a escola pública, laica e de qualidade, que é, ela mesma, a base das democracias.

Resultado de lutas por direitos sociais, a escola pública no Brasil caracteriza-se como uma obra tardia e profundamente excludente. Nunca foi para todos e todas.

No caso das juventudes brasileiras, a condição de classe social está profundamente ligada as oportunidades educacionais e as trajetórias educacionais realizadas.

Vidas precárias costumam encontrar espaços escolares precários e precarizados e, como num ciclo de horrores, também inserções precárias no mundo do trabalho.

O grito de Munch também pode ser uma alegoria para esta roda da fortuna às avessas.

Os textos aqui apresentados, de diferentes e variadas filiações institucionais e localizações geográficas, nascem de pesquisas acadêmicas, de caráter qualitativo, respaldadas em referenciais teóricos densos.

Apresentam o sentido da disputa em curso na sociedade brasileira, seja na visão de juventude, nas concepções acerca do estado e seu papel na oferta do ensino médio, no caráter dos projetos para o ensino médio, na dualidade histórica de uma oferta escolar diferenciada para jovens de diferentes classes sociais, na apresentação de uma “escola sem partido” reveladora de uma visão silenciadora de educação, na sinonímia entre escola de tempo integral e educação integral.

Os textos legais, sobretudo a Lei 13.415/17, da chamada reforma do ensino médio, constituem-se como referências importantes pois expressam, eles mesmos, as disputas entre diferentes, até, antagônicos, projetos de sociedade.

Também presentes estão os jovens estudantes do ensino médio, nas percepções sobre a violência da, na e contra a escola, nos significados das práticas corporais na educação física, na condição de surdos e, sobretudo, no movimento que ficou conhecido como Primavera Secundarista, expressão significativa da resistência dos jovens em relação a minimização dos processos escolares e de suas condições.

O grito de espanto, de horror, de denúncia vai convertendo-se em possibilidade, na medida que todos os artigos apontam perspectivas para uma sociedade de nervo ético rompido, no dizer de Darcy Ribeiro.

Perspectivas de um vir a ser! Perspectivas de que sob os escombros do tempo presente, resguardem-se sementes de esperança que só podem viver sob o calor e o entusiasmo dos jovens que fazem história e fazem outra história.

Assim, apresenta-se este novo número, entre o espanto com os retrocessos vividos, enunciados e anunciados e a esperança, inexorável componente do cotidiano de todos/todas que insistem na perspectiva de um mundo onde todos caibam.

Boa leitura!

Profa. Dra. Jaqueline Moll, (URI/UFRGS)

Prof. Dr. Juarez Dayrell, (UFMG)

(Orgnizadores)